

PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PRÁTICAS NO COLÉGIO ESTADUAL GONÇALO ROLLEMBERG LEITE

André Luís Conceição Alves¹
Prof^a Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas (Orientadora)²

RESUMO

Este estudo discute a Educação Ambiental como prática formativa, salientando as perspectivas e os desafios referentes à Educação Ambiental no Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite, buscando conhecer a conscientização de educadores e alunos. Entendemos sua necessidade para que os indivíduos ajam de maneira responsável, no intuito de haver a preservação das espécies e, de maneira mais abrangente, da vida. Assim, provocar reflexões no campo escolar é de suma relevância, uma vez que a Educação Ambiental pode e deve ser trabalhada a partir de um viés transversal, envolvendo as diferentes áreas do conhecimento no processo de aquisição de práticas e saberes, propagando a essência da necessidade de preservação ambiental, não apenas na comunidade acadêmica, mas também no entorno da mesma, salientando, outrossim, a função do educador frente aos desafios estabelecidos concernentes ao trabalho com a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ensino; práticas pedagógicas; escola pública; Aracaju-SE.

¹ Graduado em Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, em 2007. Técnico Administrativo da referida instituição de ensino. Em 2008, adentrou no Curso de Especialização em Educação Ambiental e Formação de Professores, promovido por esta Universidade. Também é professor de Metodologia do Ensino da Geografia na Faculdade de Ciências Educacionais de Sergipe. Este estudo foi desenvolvido no Curso de Especialização em Educação Ambiental para formação de professores, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Augusta Mundim Vargas

² Prof^a dos Núcleos de Pós-Graduação em Geografia (NPGeo); Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) e do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe.

APRESENTAÇÃO

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo precípua de investigar as práticas desenvolvidas sobre Educação Ambiental no Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite, situado na Avenida Franklin Campos Sobral, nº 1675, bairro Grageru, Aracaju – SE, buscando, assim, investigar os subsídios teórico-metodológicos para o desenvolvimento de uma ação integrada e concisa no campo da Educação Ambiental; discutir acerca dos desafios encontrados por docentes no trabalho de conscientização dos alunos de ensino médio acerca da Educação Ambiental; relatar as práticas desenvolvidas pela escola para preservação e conservação ambiental e debater sobre os projetos e/ou atividades desenvolvidas, no campo escolar, com foco na Educação Ambiental.



Figura 1 – Fachada do Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite.

A motivação para investigar tais práticas na referida instituição de ensino adveio do questionamento sobre as possibilidades de desenvolver práticas escolares continuadas, a fim de formar alunos da Educação Básica, no âmbito da Educação Ambiental, partindo-se do pressuposto de que a escola está localizada em uma região de visíveis degradações, ocorridas nas últimas décadas, promovidas por uma especulação imobiliária concretizada, principalmente, por grandes construtoras, as quais tiveram (e têm) o aval de órgãos competentes de proteção ambiental.

Tais aspectos postos como positivos para o crescimento urbano de Aracaju, especificamente, intensificado nas últimas décadas do século XX (anos 70, 80 e 90) e primórdios do atual século, possibilitaram um aumento das atividades comerciais, industriais e de serviços.

Um dos fatores para tal crescimento foram as políticas governamentais, entre as quais a construção de conjuntos habitacionais – como exemplos na localidade em que a escola está situada são os conjuntos Leite Neto e Jardim Jussara; o bairro Jardins, composto por condomínios verticais –, além de empreendimentos comerciais – como o Shopping Jardins e inúmeras casas comerciais –, a implementação de infra-estrutura e a estruturação de áreas para o desenvolvimento de grandes centros comerciais. Entretanto, o referido “crescimento” e “desenvolvimento” realizados na capital sergipana agridem o meio ambiente, sendo necessário, portanto, um trabalho de conscientização ambiental com a juventude, para que a mesma não reproduza essa prática insustentável de crescimento.

Dessa forma, é válido considerar que o trabalho com a Educação Ambiental faz-se necessário para existir conscientização dos estudantes, a fim de que haja a preservação das espécies e, de maneira mais abrangente, da vida. Assim, provocar reflexões no campo escolar é de suma relevância, pois a temática Educação Ambiental pode e deve ser trabalhada a partir de um viés transversal, envolvendo as diferentes áreas de conhecimento no processo de aquisição de práticas e saberes, propagando, assim, a essência da necessidade de preservação ambiental, não apenas na comunidade acadêmica, mas também no entorno da mesma.

Para o desenvolvimento do estudo, foi feito levantamento bibliográfico sobre a temática em evidência, tais como livros, revistas, dissertações, teses e outros materiais de natureza científica; como também o diálogo das leituras realizadas sobre Educação Ambiental.

Para o conhecimento das práticas realizadas, especificamente, no Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite, foi necessária a construção de instrumentos para a coleta de dados e, por esta razão, realizaram-se entrevistas com a equipe técnica da escola. Tal procedimento metodológico apresentou o propósito não apenas da obtenção de dados quantitativos, mas também qualitativos. Posteriormente, houve a necessidade de sistematizar e analisar os dados obtidos.

Conforme os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, foi possível depreender práticas desenvolvidas, em âmbito institucional, acerca da Educação Ambiental.

(IN) FORMANDO A PARTIR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Considerando-se o fato de que os ecossistemas naturais são fontes de recursos para que as necessidades humanas sejam atendidas, o meio ambiente natural é modificado, impactado, degradado e até mesmo devastado, a depender da intensidade e tempo de exploração, muitas das vezes, extrapolando as necessidades vitais e acarretando desequilíbrios irreversíveis.

O homem se apropria do espaço geográfico e o transforma, a fim de garantir sua sobrevivência. Essa prática, que ocorre no processo de construção da sociedade, possibilita a interação entre os homens, materializando o espaço e, conseqüentemente, modificando as paisagens e os lugares.

Historicamente, percebe-se que o desenvolvimento de trabalhos com Educação Ambiental iniciou-se tardiamente; a expressão “Educação Ambiental” foi adotada, pela primeira vez, em uma conferência na Inglaterra no ano de 1965³.

Conforme Dias (1993), em 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu um dos eventos mais relevantes no que concerne à Educação Ambiental – a Conferência de Estocolmo. Tal conferência recomendou o estabelecimento de um Programa Internacional de Educação Ambiental. A partir desse momento, intensificaram-se as discussões da Educação Ambiental como campo para ação pedagógica.

As formulações e os princípios do referido Programa foram estabelecidos, em 1975, no Encontro Internacional sobre Educação Ambiental, ocorrido na Iugoslávia. Nesse Encontro, definiu-se que o trabalho com Educação Ambiental deveria acontecer de maneira contínua e multidisciplinar, como também deveria estar em conformidade com as diferenças regionais e interesses nacionais.

Os embates sobre Educação Ambiental, posta como elemento necessário para uma educação global, aconteceram na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

³ Conferência de Educação da Universidade de Keele.

no ano de 1977. Na ocasião, postulou-se que medidas para resolver a problemática da Educação Ambiental deveriam ser postas em prática no âmbito educacional.

Dez anos após a referida Conferência, aconteceu, na Rússia, o Congresso Internacional sobre a Educação e Formação Relativas ao Meio Ambiente, cuja prioridade teve-se à formação de recursos humanos para atuação formal e não-formal da Educação Ambiental e à inclusão, nos currículos dos diferentes níveis de ensino, da dimensão ambiental.

Especificamente, no Brasil, os debates sobre Educação Ambiental iniciaram-se na década de 70 do século XX, sob a égide do Regime Militar; por conseguinte, com discussões incipientes. Entretanto, na década de 1990, mais precisamente, no ano de 1992, ocorreu a Rio-92, reunindo um número superior a 170 países, os quais reconheceram o papel da educação para construir um mundo mais justo e ecologicamente mais equilibrado.

Considerando-se o fato de que a educação deve ser vista como meio para preservar e transformar a sociedade, a Educação Ambiental, especificamente, deve ser posta no núcleo das discussões no campo escolar, posto que o modelo capitalista de desenvolvimento gerou necessidades de consumo na sociedade sem a devida preocupação com a preservação ambiental.

Dessa forma, é possível salientar que vários fatores contribuíram para ampliar as problemáticas concernentes ao meio ambiente, entre as quais a explosão demográfica, o desenvolvimento tecnológico e a consolidação de um modelo econômico industrial e consumista, fazendo com que a degradação ambiental ocorresse de forma descontrolada e acelerada, provocando ameaças à natureza e à própria vida.

Percebe-se que, em nome do capital e de um disfarçado progresso e/ou desenvolvimento, praticamente, tudo é convertido em mercadoria, com o objetivo de obter lucros sem respeito ao próximo e, de maneira mais específica, à vida.

Assim, há a necessidade de repensar os conceitos e as práticas de consumo legitimados socialmente, no que concerne ao trabalho com a Educação Ambiental. Dessa maneira, a possibilidade encontrada para promover rupturas de paradigmas consolidados ao longo do tempo pelo sistema capitalista foi considerar, internacionalmente, o trabalho com a Educação Ambiental, a fim de proteger a vida no planeta, como também melhorar o meio ambiente.

Diante desse contexto, a Educação Ambiental é posta como elemento fundamental para amenizar as problemáticas ambientais e sensibilizar o ser humano

para o uso consciente dos recursos naturais, para que o ambiente seja conservado de maneira saudável.

Para isso ser possível, faz-se necessária uma educação transformadora, com uma visão ampla acerca da Educação Ambiental, com clareza sobre os objetivos do ato educativo para ser possível o entendimento das diferentes abordagens para a Educação Ambiental, conforme reiteram muitos estudiosos da temática em evidência.

A Educação Ambiental pode ser compreendida, conforme Dias (1993), como meio de mudança de comportamento; como possibilidade de formar pessoas mais atuantes e o educador, nessa perspectiva, deve ser aquele que promove a Educação Ambiental, que cria condições para que a Educação Ambiental seja posta como processo contínuo e permanente.

Segundo Reigota (1998), a Educação Ambiental deve estar centrada em práticas de conscientização, de competências, na possibilidade de avaliação e participação ativa dos educandos nas propostas evidenciadas no campo escolar. Para o autor, “A educação, seja formal, informal, familiar ou ambiental, só é completa quando a pessoa pode chegar nos principais momentos de sua vida a pensar por si próprio, agir conforme os seus princípios, viver segundo seus critérios” (REIGOTA, 1998, p. 48).

Leff (2001), por sua vez, compreende a Educação Ambiental como forma de articulação subjetiva entre educando e produção de conhecimento. Tal fato “implica fomentar o pensamento crítico, reflexivo e propositivo face às condutas automatizadas, próprias do pragmatismo e do utilitarismo da sociedade atual” (LEFF, 2001, p. 250).

Para Jacobi (2003), “a Educação Ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária” (JACOBI, 2003, p. 198).

De acordo com Loureiro (2003), a Educação Ambiental possibilita instituir “uma prática pedagógica contextualizada e crítica, que explicita os problemas estruturais de nossa sociedade, as causas do baixo padrão qualitativo da vida que levamos e da utilização do patrimônio natural como uma mercadoria e uma externalidade em relação a nós” (LOUREIRO, 2003, p. 16).

Já para Guimarães (2008), a Educação Ambiental objetiva apontar um entendimento acerca do desenvolvimento sustentável, tecendo críticas aos paradigmas cientificistas, uma vez que os mesmos “informam a sociedade moderna urbano-industrial, ao seu modelo de desenvolvimento que se concretiza em sua proposta de uma modernização que é conservadora” (GUIMARÃES, 2008, p. 82).

Conforme os autores supracitados, é possível inferir que a Educação Ambiental pode ser compreendida como um processo educacional dinâmico, duradouro e que exige a participação ativa dos envolvidos nesse processo, a fim de que as ações sejam direcionadas com o intuito de transformar e buscar alternativas para minimizar os impactos ambientais, além de conscientizar a sociedade acerca da utilização dos recursos ambientais, mudando, assim, valores e aperfeiçoando habilidades para haver uma melhor harmonia e maior integração entre os seres humanos e o meio ambiente.

O trabalho com a Educação Ambiental surge, assim, das exigências da sociedade, em inserir esse tema no processo de aprendizagem. No Brasil, a Educação Ambiental é tratada como tema transversal nas escolas de Educação Básica. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's:

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. E esse é um grande desafio para a educação (BRASIL, 1998, p. 67 e 68).

Os PCN's, definidos pelo Ministério da Educação – MEC no ano de 1998, dão importância às propostas curriculares no âmbito da educação formal. Entre as propostas, houve a indicação de temas transversais a serem trabalhados nos currículos do ensino fundamental.

Tais temas devem abordar questões relacionadas às peculiaridades regionais e envolver questões sociais. Um dos temas postos como transversais alude à dimensão ambiental, buscando assim, amenizar as divisões das áreas do conhecimento.

De acordo com os PCN's, o ser humano deve ser compreendido como parte integrante da natureza, e as suas ações devem estar diretamente relacionadas às mudanças de recursos e ciclos naturais, necessitando, assim, planejar as ações, tanto a curto, quanto a longo prazo.

Dessa maneira, conscientizar discentes e docentes para a prática com a Educação Ambiental deve ser uma prática contínua, demonstrando a relevância da educação na sociedade, posto que esta exige uma qualificação necessária dos cidadãos. Para estarem inseridas nessa sociedade, as pessoas precisam estar habilitadas a resolver problemáticas, observá-las e avaliá-las.

A problemática ambiental, como sintoma da crise de civilização da modernidade, coloca a necessidade de criar uma consciência a respeito de suas causas e suas vias de resolução. Isto passa por um processo educativo que vai desde a formulação de novas cosmovisões e imaginários coletivos, até a formação de novas capacidades técnicas e profissionais, desde a reorientação dos valores que guiam o comportamento dos humanos para a natureza, até a elaboração de novas teorias sobre as relações ambientais de produção e reprodução social, e a construção de novas formas de desenvolvimento (LEFF, 2001, p. 254 – 255).

É importante lembrar que a sociedade (re) produz o capital cultural difundido no meio dos indivíduos, famílias, ou diferentes grupos sociais. Considerando-se tal situação, a formulação de discursos acerca do sistema educacional não é posto, em sua totalidade, como meio de produção de conhecimentos. Diante desses fatos, questionar sobre a função da educação no atual contexto faz-se necessário, a fim de que as práticas ocorram de forma sustentável. Com efeito, muitos são os desafios para promover ações concisas quanto à Educação Ambiental, uma vez que a mesma possibilita ao educando construir conceitos, de acordo com a contextualização do meio ao qual está inserido, de maneira crítica.

Sendo assim, “o processo educacional auxilia a formação de novos atores sociais, capazes de conduzir a transição para um futuro democrático e sustentável” (LEFF, 2001, p. 246). Por sua vez, para que haja um desenvolvimento sustentável é necessária a formação “capacidades para orientar um desenvolvimento fundado em bases ecológicas, de equidade social, diversidade cultural e democracia participativa” (LEFF, 2001, p. 246).

Diante disso, a atenção dispensada ao desenvolvimento sustentável é de suma relevância para a garantia de novas concepções sociopolíticas que não visem o comprometimento dos sistemas, não apenas ecológicos, mas também sociais, que proporcionem a sustentabilidade da sociedade, considerando, assim, a Educação Ambiental como uma ação que objetiva transformar a sociedade.

De acordo com Jacobi (2003), o conceito de desenvolvimento sustentável aparece com o objetivo de enfrentar a crise ecológica, cujo processo é evidenciado a partir de duas correntes. A primeira delas busca alcançar as estabilidades econômica e ecológica, propondo “o congelamento do crescimento da população global e do capital industrial” (JACOBI, 2003, p. 193); tal concepção está inserida no contexto dos trabalhos do Clube de Roma, no ano de 1972, intitulada “Limites do crescimento”.

Já a segunda concepção propagou-se a partir da Conferência de Estocolmo, no ano de 1972, e está relacionada à crítica ambientalista no que concerne ao modo de vida contemporâneo e apresenta como pressuposto “a existência de sustentabilidade social, econômica e ecológica” (JACOBI, 2003, p. 193).

O desenvolvimento sustentável está intrinsecamente relacionado às estratégias sociais que considerem, não apenas a viabilidade econômica, como também a ecológica. De maneira abrangente, é possível afirmar que “a noção de desenvolvimento sustentável reporta-se à necessária redefinição das relações entre sociedade humana e natureza, e, portanto, a uma mudança substancial do próprio processo civilizatório, introduzindo o desafio de pensar a passagem do conceito para a ação” (JACOBI, 2003, p. 195).

Nesse sentido, a Educação Ambiental precisa estar em conformidade com estratégias educacionais direcionadas a novas práticas metodológicas, incorporando assim valores ambientais no processo de formação do ser humano, adquirindo, conseqüentemente, a implementação de uma sociedade sustentável.

PRÁTICAS NO COLÉGIO ESTADUAL GONÇALO ROLLEMBERG LEITE

Considerando-se que os sistemas educacionais devem exercer a integração cultural, bem como proporcionar a transmissão de conhecimentos, a escola necessita reconhecer os seus papéis diante dos referidos sistemas.

Para o desenvolvimento de um trabalho com a Educação Ambiental na Educação Básica, é fundamental ao educador apresentar uma postura crítica acerca das ações e práticas a serem desenvolvidas, a fim de ser possível a efetivação de projetos político-ideológicos.

Sendo assim, é importante o conhecimento de aspectos relevantes que permitam ao educador, não apenas conhecer diferentes percepções sobre meio ambiente, ser humano, sociedade, entre outros; mas também perceber relações como homem-natureza, teoria-prática, educação-sociedade-ambiente.

No Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite, foram perceptíveis práticas com a Educação Ambiental, predominantemente, pontuais, pois as mesmas ocorreram em eventos distintos e de maneira descontínua.

A escola exerce atividades pontuais, como também projetos que são desenvolvidos durante todo o ano. As atividades pontuais geralmente acontecem na Amostra Científica e Cultural com os professores de Ciências, Geografia, Biologia e Química que se envolvem em trabalhos relativos ao meio ambiente (CUNHA, 2009).

Alguns dos eventos que aconteceram na escola, apesar de aludir à temática Educação Ambiental, não a trataram de forma contínua e permanente, além de não ter a participação de todo o corpo docente.

O projeto “Escola Verde: semeando a vida” idealizado pela professora de Biologia do turno vespertino da escola e com o envolvimento das disciplinas de Química, Biologia, Geografia e Física foi executado no ano de 2008 e objetivou “utilizar o espaço escolar para o plantio de espécies vegetais que servirão para o desenvolvimento de pesquisas de diversas áreas do conhecimento, bem como para a reflexão para os bons hábitos alimentares e de proteção ao meio ambiente” (PROJETO ESCOLA VERDE: semeando a vida, 2008, p. 09).

Concernente aos objetivos específicos salienta-se, entre outros, “promover a Educação Ambiental em todo ambiente escolar” e “discutir com os alunos a importância do cultivo de espécies vegetais para o meio natural, incluindo a melhoria do ambiente e de alguns problemas ambientais como o aquecimento global” (PROJETO ESCOLA VERDE: semeando a vida, 2008, p. 10).

Em conformidade com entrevista realizada com uma das coordenadoras da escola, Simone Neves Cunha, no início, o projeto se encaminhou bem. Todavia, a ausência de resultados positivos com os turnos matutino e noturno, além do afastamento da professora para realização do mestrado, o projeto fracassou: “A professora levou o projeto de ‘vento em polpa’. Esse ano, com o afastamento dela para o mestrado, o projeto meio que morreu” (CUNHA, 2009).

Segundo a entrevistada, apesar de tentativas como, por exemplo, colocar alunos para supervisionar a horta, realizar trabalhos de conscientização para preservá-la, os mesmos não surtiram efeito, levando-o ao fracasso.

A imagem abaixo mostra uma grande área ociosa que poderia ser melhor utilizada para o desenvolvimento de trabalhos de conscientização e preservação ambiental.



Figura 2 – Área arborizada, porém sem cuidados, pertencente ao Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite.

Práticas isoladas, como o plantio de mudas no dia do Meio Ambiente, comemorado no dia 5 de junho, também foram perceptíveis em atividades relativas à Educação Ambiental. Os comentários da professora acerca da importância da preservação ambiental, como também o envolvimento de alguns alunos na execução da proposta podem ser vistas nas imagens abaixo:



Figura 3 – Comentários da Professora Edilde sobre a importância da preservação ambiental.



Figura 4 – Plantio de mudas por alunos do Colégio Estadual Gonçalo Rollemberg Leite.

Entende-se que o desenvolvimento das atividades direcionadas à Educação Ambiental sejam continuadas e não pontuais, posto que “comportamentos ‘ambientalmente corretos’ serão aprendidos na prática do dia-a-dia na escola: gestos de solidariedade, hábitos de higiene pessoal e dos diversos ambientes, participações em pequenas negociações podem ser exemplos disso” (BRASIL, 1998, p. 68).

O evento alusivo à “Semana do Meio Ambiente” ocorre anualmente na semana de comemoração ao meio ambiente com uma diversidade de temas trabalhados.



Figura 5 – Maquetes construídas pelos alunos em comemoração à Semana do Meio Ambiente.

Constatou-se também que a realização desse evento ocorreu sem uma prévia preparação e conscientização dos educandos acerca da importância do Meio Ambiente. Os professores se encarregaram de desenvolver certas atividades com as suas turmas naquela semana sem haver continuidade do trabalho ao longo do ano letivo.

Outra prática observada foi a comemoração ao Dia da Água, em 22 de março. Na ocasião, os alunos prepararam cartazes, expostos por toda escola, além de palestras proferidas sobre a importância da água para a humanidade. Mais uma vez, percebeu-se a existência de uma prática pontual.

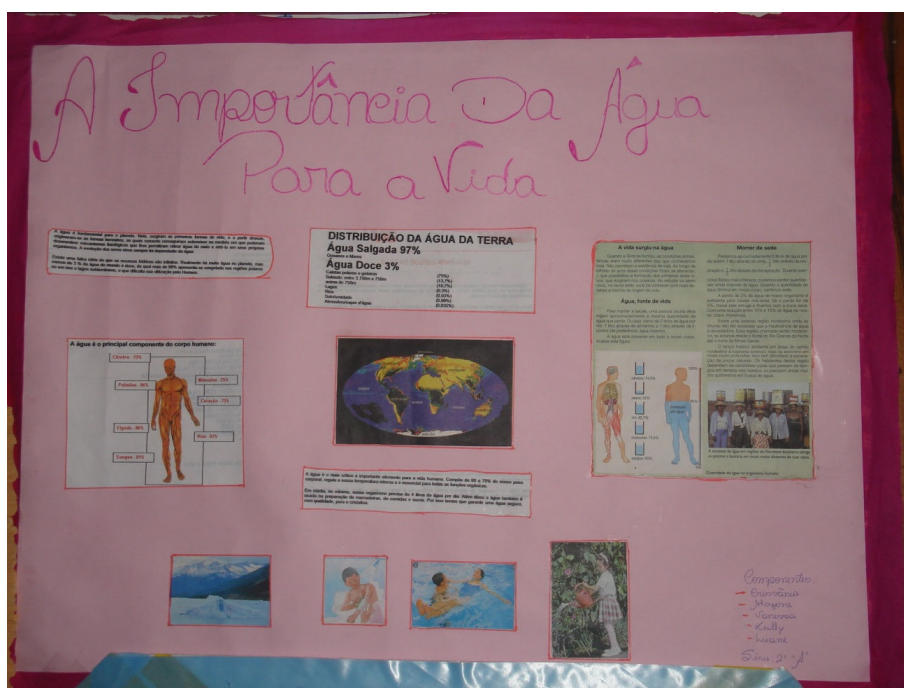


Figura 6– Um dos cartazes produzidos referentes à importância da água para a vida.

Um projeto que também ocorre na escola há seis anos é a “Antologia Escolar”. Tal projeto objetiva publicar textos de alunos produzidos durante o ano letivo. Na última edição, um dos temas trabalhados fez referência ao Meio Ambiente. Uma das poesias publicadas foi “Troco um rio poluído”:

Troco um rio poluído
 Por tudo de riqueza que tenho em casa
 Troco um rio poluído
 Por um passarinho, voando, mostrando as asas
 Troco um rio poluído
 Pela limpeza do mundo e das águas

Troco um rio poluído

Pela certeza que os homens não sujam os rios, nem as águas.

Állefey Max Cardoso Menezes (8ª A). In: V Antologia Escolar, 2008.

Apesar do acesso às edições da Antologia Escolar publicadas pela escola, não foi possível acompanhar como se procede a seleção dos textos publicados pelos alunos, pois a mesma só ocorre no final do ano letivo. No entanto, de acordo com informações, foi detectado que os textos produzidos ao longo do ano letivo pelos educandos são submetidos a uma banca de professores da área de Língua Portuguesa do quadro da escola.



Figura 7 – Capa da última edição da Antologia Escolar, 2008.

Observou-se também que os professores⁴, praticamente, não trabalham em conjunto na execução dos projetos, dificultando, ou até mesmo, impossibilitando a existência de êxito nas atividades propostas para promoção da Educação Ambiental.

Assim sendo, apesar da conscientização de que a promoção do trabalho com a Educação Ambiental, no âmbito escolar, de maneira interdisciplinar⁵, é de fundamental relevância para que a comunidade acadêmica estabeleça, de maneira consciente, uma relação com o meio ambiente, tal trabalho praticamente é ineficaz.

Notou-se a existência de uma comunicação incipiente entre os professores dos diferentes turnos, pois ocorreu apenas em momentos casuais, como, por exemplo, em reuniões pedagógicas. Ainda assim, nem sempre havia a presença de todos os professores. Tal fato aconteceu devido a compromissos que muitos deles também tinham em outras escolas, conforme informações fornecidas pela entrevistada, quando questionada acerca da comunicação entre os turnos. De acordo com ela, tal comunicação ocorre apenas:

quando ocorrem as reuniões pedagógicas, no sábado letivo, geralmente é assim... A gente ainda vê o problema, porque os professores trabalham nesta escola e em outras escolas, e às vezes quando é sábado letivo aqui, é sábado letivo em outra escola também, eles têm que fazer opção, então não se encontram, é muito complicado, porque professor não dá aula em uma só escola, né? Dá aula em várias escolas, mas quando ocorre esse encontro, quando realmente dá certo, a gente vê que o desenvolvimento é muito bom, é perfeito. Realmente agora o que falta é o entrosamento dos professores dos três turnos para que o resultado dê bons frutos (CUNHA, 2009).

Outro aspecto observado foi o fato de que os professores da área de exatas pouco se envolveram nos eventos promovidos pela escola. Argumentaram que o momento deles “trabalharem” com atividades extraclasse seria a Expomat – Exposição de Matemática, o que fez com que eles não interagissem com as demais disciplinas, dificultando, assim, a prática proposta no âmbito da Educação Ambiental, que exige comunicação entre as diferentes áreas do conhecimento.

⁴ Conforme levantamento de dados, a instituição tem um quadro de 52 docentes em sala de aula; por conseguinte, de acordo com informações da coordenadora entrevistada, participam dos projetos propostos cerca de 15 docentes.

⁵ A interdisciplinaridade pode ser compreendida como “uma exigência natural e interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que elas nos fazem conhecer. Impõe-se tanto à formação do homem quanto às necessidades de ação” (FAZENDA, 2003, p. 43).

Para Cunha (2009), geralmente o pessoal de matemática quer trabalhar o projeto deles: “aqui na escola existe a Expomat, que é a exposição de matemática. Os professores dizem que esse é o momento deles, entendeu? É tanto que às vezes chega na amostra científica e eles nem querem participar” (CUNHA, 2009).

É importante ressaltar que as atividades desenvolvidas com Educação Ambiental apresentam algumas finalidades, entre as quais compreender a existência de uma interação ecológica, política, social e econômica; possibilitar aos seres humanos a aquisição de conhecimentos necessária ao melhoramento do meio ambiente; levar os cidadãos a apresentarem uma conduta de respeito ao meio ambiente.

É válido considerar que a formação interdisciplinar não se restringe à promoção de uma perspectiva integradora do mundo, ela deve atingir as disciplinas científicas, transmitindo paradigmas teóricos e orientando o conhecimento e a criatividade do educando.

Sendo assim, o desafio da interdisciplinaridade, quanto ao trabalho com a Educação Ambiental, está relacionado à construção de “territórios do saber, fertilizados pelas luzes multifacetárias que o olhar ambiental lança sobre a reconstrução do mundo” (LEFF, 2001, p. 261).

Conforme dados coletados, percebeu-se a existência de alguns projetos direcionados à conscientização e preservação do ambiente escolar, porém, sem sucesso, devido a vários fatores. Dentre estes, a falta de interdisciplinaridade dos projetos, já que foram idealizados e materializados isoladamente sem a preocupação de comunicação entre as disciplinas e, além do mais, percebeu-se também a falta de diálogo entre os professores dos diferentes turnos, ainda que o colégio funcione nos três turnos.

Não obstante os PCN's afirmarem que se deve promover a Educação Ambiental, foi perceptível, no estudo de caso, que nem todas as disciplinas encontram-se envolvidas nos projetos de promoção da Educação Ambiental; verificou-se que, principalmente, no turno vespertino, as disciplinas de Ciências, Geografia, Biologia e Química envolveram-se em projetos alusivos à Educação Ambiental promovidos no calendário escolar:

A amostra é pontual, mas os trabalhos apresentados pelos alunos do 6º e 7º ano foram trabalhados o ano inteiro. A professora foi construindo lentamente a literatura de cordel, os joguinhos [...]. Isso é legal, porque você está vendo a prática acontecendo em sala de aula e, de repente, a gente escolhe um só momento para que a cerimônia ocorra. Agora isso são particularidades; normalmente, a coisa acontece a

“toque de caixa”, infelizmente... apesar de todo mundo saber, desde o início do ano, do calendário de eventos (CUNHA, 2009).

Apesar de Reigota (1998) considerar relevantes as práticas de conscientização, de competências, na possibilidade de avaliação e participação ativa dos educandos nas propostas evidenciadas no campo escolar, as mesmas ocorreram esporadicamente e, na maioria dos casos, sem êxito nos resultados esperados.

Inicialmente o projeto (Escola Verde: semeando a vida) era desenvolver hortas, plantas ornamentais e teria uma terceira área onde os meninos iriam escolher o que seria plantado no local. Só que alguns empecilhos aconteceram. De início o projeto seria realizado com uma única turma, o 1º D, do turno da tarde. A turma se envolveu, as notas dos meninos melhoraram, não só em Biologia, mas também nas outras disciplinas que também estavam participando. Mas as outras turmas, como ainda não tinham um nível de consciência em relação à horta, começaram a destruir os trabalhos dos colegas. Ai o que a gente pensou de início em trabalhar com uma só turma e depois disseminar toda a informação para as turmas da tarde e depois para os turnos da manhã e da noite fracassou; ao mesmo tempo, a gente achou impossível fazer ao mesmo tempo com toda a escola (CUNHA, 2009).

De acordo com Jacobi (2003), a educação ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem. Entretanto, ficou evidente que a prática de Educação Ambiental ocorre de forma pontual, pois as discussões da referida temática acontecem nos períodos dos eventos propostos no calendário escolar; entre os quais, o de Amostra Científica, Antologia Escolar e o projeto “Patrimônio Cultural”.

Para Dias (1993), a Educação Ambiental deve ser vista como meio de mudança de comportamento; como possibilidade de formar pessoas mais atuantes. Infere-se da observação, que a prática de Educação Ambiental é elementar, logo é contraditória uma mudança de comportamento sem uma possibilidade para os discentes em poder ter um espaço de reflexão sobre o tema Educação Ambiental, permitindo assim perceber que praticamente não se notam mudanças de comportamento da comunidade acadêmica no que alude às atividades desenvolvidas referentes à Educação Ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o estudo realizado, foi possível averiguar que a Educação Ambiental é de relevância singular para preparar o ser humano, no que concerne a práticas de preservação da biodiversidade, promovendo, assim, melhorias significativas no meio ambiente e na qualidade de vida da sociedade como um todo.

É válido ressaltar que muitas das soluções encontradas para as problemáticas ambientais estão diretamente relacionadas aos investimentos feitos no campo da Educação.

Dessa maneira, no intuito de encontrar respostas sustentáveis às problemáticas evidenciadas, importante se faz que as pessoas tenham consciência de que a forma como se relacionam com o meio em que vivem interferem diretamente no meio ambiente. Diante disso, um trabalho direcionado à Educação Ambiental é relevante, para que os indivíduos tornem-se aptos a agir conscientemente quanto às questões ambientais.

Isso apenas se torna possível no momento em que há investimentos em ações que provoquem mudanças de atitudes, valores e habilidades dentro de dado contexto, diminuindo a degradação ambiental, melhorando a qualidade de vida e reduzindo a pressão acerca dos recursos ambientais.

Conforme as informações obtidas, foi possível inferir que o contexto escolar não está isento dos problemas ambientais. O que ocorre, muitas vezes, é que a comunidade não percebe os problemas que afetam diretamente o meio ambiente e estão à sua volta.

Outrossim, a predominância de práticas pontuais dificulta a materialização da conscientização de uma Educação Ambiental, pois a mesma deve ser estabelecida continuamente.

Além disso, os educadores ambientais precisam estar preparados para a utilização de diferentes materiais disponíveis no cotidiano e que permitam explorar a diversidade dos mesmos de maneira crítica, posto que o educador deve trabalhar com os elementos alusivos à Educação Ambiental de forma aprofundada e interdisciplinar e não, superficial e isoladamente; ou seja, permitir ao educando apenas a compreensão de dado conteúdo não é suficiente para perceber os problemas criticamente, é necessário explorar a diversidade do assunto, utilizar diferentes recursos didático-pedagógicos, além de considerar a percepção e a apreensão dos conteúdos trabalhados.

Conforme o exposto, é possível afirmar que a cidadania ambiental é formada a partir, também, da apropriação de novos valores e atitudes, buscando compreender as

organizações sociais. Sendo assim, caso se queira formar cidadãos conscientes sobre o meio ambiente necessário se faz iniciar essa prática na escola, posto que o campo escolar é o grande formador de opiniões, contribuindo com as tomadas de decisão e conscientização ambiental para uma prática sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasil: MEC/SEF, 1998.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental:** princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1993.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade:** qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

GUIMARÃES, Mauro. “Sustentabilidade e Educação Ambiental”. In: CUNHA, Sandra Baptista da & GUERRA, Antônio José Teixeira (orgs). **A questão ambiental:** diferentes abordagens. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 81 – 105.

JACOBI, Pedro. “Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade”. In: **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: USP, nº 118, mar/2003, p. 189 – 205.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental:** sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth - Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. “Educar, participar e transformar em Educação Ambiental”. In: **Revista Brasileira de Educação Ambiental.** Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental. Nº 0, nov./2004, p. 13 – 20.

REIGOTA, Marcos. “Desafios à educação ambiental escolar”. In: JACOBI, Pedro *et alli* (orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania:** reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998, p. 43 – 50.

DOCUMENTOS DA ESCOLA

V ANTOLOGIA ESCOLAR. 2008.

PROJETO ESCOLA VERDE: semeando a vida. 2008.

ENTREVISTAS

CUNHA, Simone Neves. Entrevista concedida ao autor em 23 e 28 jun de 2009.